



# A massificação da desinformação e a precarização da consciência social:

*fake news, pós-verdade e a política dos afetos*

**Sergio Luiz Pereira da Silva**

*Professor associado III da Faculdade de Ciências Sociais- FCS e do Programa de Pós-graduação em Memória Social-PPGMS da UNIRIO.*

## **Resumo**

Nesse texto refletimos sobre a precarização da consciência e a perda de seu poder de autonomia crítica, frente ao processo da ideologia da desinformação e da pós-verdade. A perda da autonomia da consciência crítica é algo que vem ocorrendo de forma massiva, através da cultura industrial das fake news, no capitalismo neoliberal das plataformas digitais, o qual tem se mostrado como palco de peijas política e afetivas entres sujeitos, que cada vez mais vêm se transformado em indivíduos usuários.

**Palavras-chave:** desinformação; fake news; pós-verdade; ideologia.

## **Abstract**

In this text we reflect on the precariousness of conscience and the loss of its power of critical autonomy, in the face of the process of the ideology of disinformation and post-truth. The loss of the autonomy of critical consciousness is something that has been happening massively, through the industrial culture of fake news, in the neoliberal capitalism of digital platforms, which has been shown to be a stage for political and affective struggles between subjects, which increasingly have been transformed into individual users

**Keywords:** misinformation; fake news; post-truth; ideology.

## Consciência histórica, afeto e desamparo na sociedade da desinformação

No processo ideológico desse capitalismo de plataforma, os sujeitos históricos têm se transformado em usuários, massificados por processos de desinformações coletivas, que mais parecem tempestades de mentiras excessivas, que alagam o cotidiano digital das redes e mídias sociais.

Partimos da premissa que a desinformação é um processo que incide na obliteração da consciência coletiva e reificação dos afetos e, com isso, a pós-verdade (Santaella, 2018) tem possibilitado a massificação pública do discurso de ódio e instauração do medo coletivo. O binômio *fake news*/pós-verdade (Bucci, 2019) tem mobilizado afetos coletivos e promovido uma crise política aguda na esfera pública estatal e não estatal e, conseqüentemente, na formação da consciência histórica dos sujeitos políticos contemporâneos. Os estudos sobre consciência histórica são, assim, fundamentais para entendermos o tempo presente, no qual se fazem presentes essas novas formas de ideologia, propostas por essa nova direita (Costa, 2020) ultraconservadora e mentirosa, que se apropriam das políticas neoliberais e promovem uma colonização da consciência social e destruição da democracia por dentro com suas *fake news*.

Autores clássicos da literatura filosófica e sociológica ainda são fundamentais para nos ajudar a entender essa questão ligada à consciência e, por isso, a pergunta “por que ler os clássicos?” ainda é uma pergunta pertinente nos dias de hoje. Uma das melhores respostas a essa questão é que lemos os clássicos pois eles são contemporâneos, à medida em que ainda respondem ou ajudam a responder a questões fundamentais dos nossos dias.

Considero Walter Benjamin um autor que logrou êxito em ocupar nos dias de hoje o status de pesador clássico, pois ele ainda ajuda a nos fazer refletir, de forma crítica, sobre as questões relativas aos malefícios da cultura capitalista e os desserviços que essa cultura tem prestado ao processo da consciência histórica da sociedade contemporânea, à medida em que seus instrumentos ideológicos avançam em direção a um futuro sem progresso, deixando um rastro de destruição testemunhado por todos.

Ainda no primeiro quartel do século XX, Benjamin já havia antenado para essa questão em que se discute a relação entre o progresso indevido do sistema capitalista, a consciência histórica dos sujeitos e a materialização da ação política nesse processo. Essa tríade de fatores é parte do processo do materialismo histórico e na verdade nele contida, que se fundamenta, como princípio implacável da realidade, nesse progresso.

Para Benjamin (1996), em *Sobre o Conceito da História*, nada é perdido para a história e somente a redenção humana poderá ter a propriedade do seu passado. Como ele mesmo escreve, “Cada momento vivido transforma-se numa citation *à l’ord du jur*” (Benjamin, 1996, p. 223). Isso implica que a história é inevitável e a verdade prevalecerá no contexto do seu processo, no curso do materialismo histórico. Ainda segundo Benjamin, entender o passado, do ponto de vista histórico, “não significa conhecê-lo como ele foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência” (Ibid., p. 224). Pois, seria função do materialismo histórico apresentar uma imagem do passado, com todos os seus perigos, ao sujeito histórico, para que disso se forme uma consciência histórica.

Isso faz parte de um projeto de desalienação social dos sujeitos. Que na nossa avaliação se aproxima do processo de crítica a reificação, proposto por Lukács (2003), em seus estudos sobre história e consciência de classes. Segundo Lukács, “A essência do marxismo científico consiste, portanto, em reconhecer a interdependência das forças motrizes reais da história em relação a consciência (psicológica) que os homens têm dela” (Lukács, 2003, p. 135). Essa citação de Lukács nos ajuda a entender o esforço de interpretação que Benjamin (1996) faz para realizar uma distinção entre o historicismo, com suas formas de representação do passado, e o materialismo histórico, em sua função de estabelecer a verdade histórica, como ele apresenta na quinta tese sobre o conceito de história:

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. “A verdade nunca nos escapará” – essa frase de Gottfried Keller caracteriza o ponto exato em que o historicismo se separa do materialismo histórico. Pois irrecuperável é cada imagem do presente que se dirige ao presente, sem que esse presente se sinta visado por ela (Benjamin, 1996, p. 224).

O esforço de interpretação bejaminiano atende a uma exigência de separação dos conceitos, materialismo histórico e historicismo, no sentido de se entender criticamente o processo do progresso histórico na lógica do desenvolvimento do capitalismo. O papel do materialismo histórico é, nesse sentido, delimitar o maior grau de consciência histórica possível aos sujeitos, para que seja percebido o processo de destruição que é promovido pelo avanço do capitalismo na história.

A imagem crítica que Benjamin pinta sobre o do progresso é bem representativa disso. Nos conceitos de história de Benjamin, vemos o presente e o passado serem destruídos pelo avanço do capitalismo, que forja uma tempestade que nos impossibilita olhar para o futuro, como bem representa o *Angelus Novus*, ou seja, o anjo da his-

tória, como ficou conhecido o quadro de Paul Klee, que Benjamim usa como analogia para a crítica do materialismo histórico sobre o progresso no capitalismo.

A tese sobre o avanço da destruição provocado pelo desenvolvimento do capitalismo, como bem representa o anjo da história, nos serve como analogia do progresso da destruição da verdade, no presente histórico, a medida em que avança para o futuro olhando para a própria destruição do passado, a partir de um novo processo de desinformação do presente. Nesse sentido, o aparelhamento ideológico do capitalismo contemporâneo, tem consciência do quanto se faz necessário para o progresso da dominação ideológica, a formação de uma falsa consciência histórica por meio da desinformação e desqualificação do conceito de verdade e reificação da consciência. Segundo Lukács (2003, p. 139),

Certamente, os reflexos conscientes das diversas etapas do desenvolvimento econômico permanecem fatos históricos de grande importância; certamente, o materialismo dialético, assim constituído, não contestam de modo algum que os homens cumprem e executam conscientemente seus atos históricos. Mas, como destaca Engels, trata-se de uma falsa consciência.

Tanto para Engels e Lukács quanto para Benjamim, a falsa consciência é parte da totalidade histórica e deve ser estudada dentro desse processo histórico mais ampliado e isso incide num processo de reificação da consciência social, ou seja, num processo em que a autoconsciência dos sujeitos perde o processo de sua autonomia. Nesse sentido, a reificação da consciência se faz dentro de um processo em que a realidade social ou subjetiva, passa a perder capacidade criativa e crítica, adentrando a um modo de automação e passividade histórica, passando a perder sua autonomia e sua capacidade autoconsciência.

A consciência, em particular a consciência coletiva, é parte de um processo estrutural que envolve dimensões estruturais da vida material, processos críticos de circulação da informação, produção de conhecimento, senso crítico e bom senso. Esses elementos se complementam no tempo presente do processo histórico.

À medida em que esses elementos se separam, o processo de esclarecimento do sujeito histórico fica comprometido. E quando falamos em processo histórico, voltamos mais uma vez às bases teóricas de Lukács, que nos esclarece que o processo histórico-ontológico do sujeito se faz na vida cotidiana (Lukács, 1969), ou seja, nos processos ontológicos do ser social da vida cotidiana.

O fato de que novos fenômenos se deixem deduzir sobre o fundamento de sua essência cotidiana é apenas um momento de uma conexão geral, isto é, significa que o ser um processo

de tipo histórico. [...] o ser que estamos habituados a chamar de cotidiano é uma determinada fixação bastante relativa de determinados complexos no âmbito de um processo histórico (Lukács, 1969, p. 19).

Os fenômenos históricos, no processo do capitalismo neoliberal contemporâneo, são partes constitutivas de um projeto de reificação da consciência dos sujeitos, projeto sob o qual os processos de alienação coletiva são resultantes de um capitalismo de plataforma, ou capitalismo digital, que torna cada vez mais precárias as novas divisões sociais do trabalho (Antunes, 2018), sem, por exemplo, estabelecer formalmente um contrato de trabalho que permitam garantias trabalhistas, regulamentadas na esfera do Estado, e tornam ainda mais precários, vulneráveis e fundamentalmente desamparados, como afirma Safatle (2016), vários seguimentos sociais.

Analisado a precarização e o desamparo das relações sociais, para além do mundo do trabalho, Butler (2018) afirma que há uma condição de precariedade que é ainda “diferencialmente distribuída”, em se tratando de questões interseccionais como as ligadas a raça, gênero, classe e, fundamentalmente, a sexualidade. Segundo Butler (2018, p. 106), “uma condição compartilhada de precariedade situa nossa vida política, precisamente quando a precariedade é diferencialmente distribuída”. Dentro desse contexto, o nível de violência sofrida de forma distinta, por esses vários segmentos, é sintomático dessa diferenciação da precariedade.

A conscientização da precariedade está diretamente ligada a questões materiais, de acesso a poder aquisitivos e poder de afirmação social na escala de desigualdade de uma sociedade estratificada, dependendo do lugar social que se ocupa na sociedade. Ao mesmo tempo, esse processo de conscientização incide nos processos intersubjetivos dessas camadas sociais, e isso está diretamente ligado ao campo dos afetos. Por exemplo, a vulnerabilidade e o medo são elementos ligados aos afetos, que estão mais presentes em segmentos sociais onde a distribuição da violência é mais presente. Nesse sentido, as questões raciais, sexuais e de gêneros são indiscutivelmente questões que apontam esse fato. E, com isso, voltamos à questão da distribuição diferenciada da precariedade e do desamparo.

Safatle (2016), fundado numa visão hobesiana, afirma que o afeto do medo é intransponível e está permanentemente latente na vida social. O que leva a entender a justificativa de que o indivíduo, pelo afeto do medo, justifica o seu poder de proteção da propriedade e de defesa da sua liberdade, mediado pelo contrato social de origem hobesiana. O discurso ideológico do liberalismo usou esse medo como dispositivo biopolítico de controle social. Com isso, o medo se transformou também num afeto político tendo por base a

justificativa de mecanismo de defesa, por parte dos indivíduos, na estrutura social liberal. Ainda segundo Safatle (2016, p. 17):

Trata-se principalmente e de maneira silenciosa de definir a figura do indivíduo defensor de sua privacidade e integridade como horizonte, ao mesmo tempo último e fundador, dos vínculos sociais. [...] “Integridade” significa aqui também a soma dos predicados que possuo e que determinam minha individualidade, os predicados dos quais sou proprietário. Assim, a tese principal é que o medo como afeto político central é indissociável da compreensão do indivíduo, com seus sistemas de interesses e suas fronteiras a serem continuamente defendidas, como fundamento para os processos de reconhecimento.

Sua conclusão correta é que esse tipo de afeto é parte constitutiva dos sistemas políticos e que ele é indissociável de uma produção social do medo, que na nossa visão está diretamente ligado a políticas de segurança pública, em última instância políticas ligadas à questão de segurança nacional e às políticas de controle da informação.

Nesse sentido, o grau de vulnerabilidade, desamparo e precarização da vida social está ligado também à conscientização dessa condição de controle dos processos de informação e políticas de desinformação, nessa sociedade do medo. Com isso, produzir, reproduzir e consumir informação é fazer parte de um sistema de compartilhamento de dados que de algum modo explora o medo como dispositivo de controle e dominação social. A autoconsciência crítica sobre fato e contexto, voltando à reflexão sobre a consciência histórica, se dificulta mediante os processos ideológicos de desinformação em massa, como a disseminação das *fake news* e o seu contexto de pós-verdade. Isso também é parte do processo de acesso à informação e à desinformação, que está ligada a outros afetos, como o ódio, que fazem parte das políticas de controle e disseminação de desinformação, contra aqueles segmentos que se encontram em condições de vulnerabilidade, precarização e desamparo.

Todo esse contexto ligado às políticas do medo se amplia com o advento da sociedade de plataforma, estruturada numa sociedade em rede. Nessa estrutura social, se faz uso de instrumentos de controle das informações que incidem diretamente nas condições de dominação da reprodução social. Nesse contexto, as ideologias da desinformação coletiva, caracterizada pelas frequentes tempestades de *fake news*, através das plataformas das mídias sociais, têm cada vez mais se constituído como dispositivo de reificação da consciência política e de clivagem da estrutura social. Isso se dá de forma cotidiana dentro de um processo de sociabilidade digital, compartilhado por troca de mensagens e acesso a aplicativos, por exemplo, que são monitorados por agenciamento algorítmico, que armazena, calcula, manipula e compartilha dados, no contexto do que se entende hoje por bolhas digitais.

A nossa questão, aqui, se trata de refletimos sobre a precarização da consciência e a perda de seu poder de autonomia crítica frente ao processo da ideologia da desinformação e da pós-verdade. A perda da autonomia da consciência crítica é algo que vem ocorrendo de forma massiva, através da cultura industrial das *fake news*, no capitalismo neoliberal dos afetos. No processo ideológico desse capitalismo de plataforma, os sujeitos históricos têm se transformado em indivíduos/usuários pelos processos de massificado da informação e da desinformação excessivamente produzida no cotidiano digital das redes e mídias sociais. A desinformação é um mecanismo de destruição da consciência coletiva na sociedade da informação em massa. Esses mecanismos de disseminação têm mobilizado afetos coletivos e promovido confusão na formação da opinião pública.

Nesse sentido, argumentemos que esse processo de desinformação, promovido pela mentira massificada das *fake news*, pode ser visto como um processo de progressão ideológica dentro do projeto do capitalismo neoliberal. As *fake news* têm atuado em conformidade com os aparelhos ideológicos do sistema capitalista globalizado e, com isso, promovido um processo de reificação cotidiana da consciência histórica e coletiva nesse mundo digital estruturado em rede.

### **A guinada ultraconservadora e a pós-verdade neoliberal**

Nesse processo ideológico da desinformação, a emergência da política do neoliberalismo tem se associado ao ultraconservadorismo da nova direita e suas ideologias falhas acelerando o processo de degradação dos valores políticos, sociais e morais dos nossos dias. Nesse processo, o fenômeno das mídias sociais, por exemplo, com o uso de plataformas digitais, portais de notícias e redes sociais, foram recorrentemente instrumentalizadas por líderes políticos ultra conservadores, a exemplo de Jair Bolsonaro e Donald Trump, para fazer reverberar suas retóricas de ódio frente à opinião pública, e, em muitas dessas falas populistas (Garbaudo, 2018), publicadas no Twitter, por exemplo, se constatava que vários pronunciamentos eram frutos das elaborações de argumentos falsos sobre fatos que não correspondiam à realidade e se reverberavam como desinformações massivas através das *fake news*.

A esfera pública da internet, sobretudo os espaços das mídias sociais, foram ocupados por indivíduos/usuários que colonizaram esses veículos de forma intensa, produzindo, consumido e replicando desinformação e ideologias monitoradas por estruturas algorítmicas desse capitalismo digital. Entendemos essa produção de *fake news* como um forte instrumento de uso político tendencioso, que resulta dos novos arranjos articulados pela ideologia dominante neoliberal, travestida de uma nova direita ultraconservadora que vimos

surgir no século XXI e que se mostrou de forma mais intensa, com a grande crise econômica do ano de 2008 no mundo.

A reboque da crise de 2008, o discurso ultraconservador começava a ocupar as mentes, os corpos e as ruas. Ali se iniciava uma trajetória rumo a um novo comportamento político utilitário que conclamava as forças militares para impor ordem, num tom de total desprezo pela democracia. Entretanto, sabe-se que não foi apenas a espontaneidade ideológica e discursiva que orientava as condutas conservadoras e antidemocráticas. Por trás de toda aquela encenação havia um arranjo de forças econômicas, políticas e institucionais que se figurava nos corredores do campo do poder, na conciliação de uma guinada ultraconservadora em direção à extrema direita, que daria volume aos interesses de ampliação das políticas de privatização nos países emergentes.

Na esteira desses acontecimentos ideológicos, instrumentalizados por mentiras massificadas, vimos a consolidação da extrema direita conservadora nos EUA, com a eleição de Donald Trump. No hemisfério sul, em particular na América Latina, e mais particular ainda, na Argentina, vimos todos os processos e instrumentos noticiosos de propagandas falsas, que foram usadas contra a presidenta Cristina Kirchner. Esse movimento ajudou a eleger o grupo político da direita naquele país, representados por lideranças neoliberais e conservadoras, como Mauricio Macri. A esse exemplo, diríamos que Macri se elegeu usando os artifícios de um discurso paradoxal, que envolvia uma espécie de nacionalismo consociado com o neoliberalismo de austeridade, que salvaria a Argentina do buraco econômico, no qual o país havia entrado, com as crises sucessivas oriundas da grande crise de 2008 e mesmo outras antes dessa.

No Brasil não foi diferente. Dentro desse contexto de guinada para a direita, as forças políticas se arregimentaram num discurso nacionalista de extrema direita que criou um contexto favorável ao golpe parlamentar, derrubando a presidenta eleita Dilma Rousseff, do cargo de governante do executivo federal brasileiro. Esse processo consolidou a extrema direita com a eleição de Bolsonaro, e tudo de absurdo que isso pode representar. Ou seja, uma nova direita que se articula com as estruturas tecnológicas de uma sociedade estruturada por redes sociais de influências de comportamento e posicionamento, biopolítico e psicopolítico, mobilizando afetos nacionalistas em nome de políticas antidemocráticas.

As lideranças da chamada nova direita hoje se estruturam não apenas no poder do líder e sua imagem pessoal, mas, através das redes de fake news e mobilização dos afetos políticos com o fenômeno da pós-verdade. Com isso, os pronunciamentos ideológicos desses líderes, publicados nas várias redes sociais, correspondem



muitas vezes a propagandas abjetas e ideologias falhas temperadas com retórica de ódio e violência digital. Todo esse contexto psicopolítico, se estruturou em ações dos exames digitais das milícias eletrônicas armadas com desinformação e armas de fogo, que ajudaram que reverberam ideias míticas, colonizar mentalidade e promoveram intervenções agressivas e controle territorial de comunidades desprezadas pelo poder público.

A realidade está suspensa nesse contexto de pós-verdade. A mobilização dos afetos, pela imposição do medo coletivo e do pânico moral, incide de forma objetiva na colonização de grande parte da consciência coletiva e em grande parte da opinião pública. É isso tem sido um caminho encontrado pelo poder imposto pela nova direita e pela doutrina neoliberal, para estabelecer formas de controle e orientação de condutas através de mecanismos biopolíticos e psicopolíticos de consumo, fundados em doutrinas ideológicas que decididamente visa destruir a democracia por dentro, como modo institucional de governo, assim como destruí-la por fora, minado os valores constitutivos do imaginário democrático da sociedade de uma maneira geral, e da racionalidade política de foram particular.

Essa crise da racionalidade política e do sistema de pensamento, nesse contexto de pós-verdade da sociedade neoliberal, apresenta formas de dominação e poder que se espriam como linhas de dispositivos bifurcados (Deleuze, 1995) por meio de relações com as novas tecnologias da biopolítica (Foucault, 2020) e do violento brutalismo do neoliberalismo institucional do estado de exceção, antidemocrático (Agamben, 2005; Id., 2011). As questões relativas às novas formas de dominação que resultam desse processo de crise dizem respeito a como esses criam sistemas de relações de poder sobre os afetos dos indivíduos através de instrumentos de que se instauram nas formas de administração política da sociedade contemporânea.

Segundo Nancy Fraser (2018), a doutrina neoliberal conservadora se amplia dentro da crise política global e seus efeitos contemporâneos são

[...] o desastre do Brexit no Reino Unido; a declinante legitimidade da União Europeia e a desintegração dos partidos socialdemocratas e de centro-direita que a promoveram; o sucesso crescente de partidos racistas e anti-imigrantes em todo o norte e centro-leste da Europa; e o aumento de forças autoritárias, algumas se classificando como protofacista, na América Latina, Ásia e Pacífico (Fraser, 2018, p. 44).

Esse projeto doutrinário neoliberal se traduz em ideologia perversa de clivagem social, entre grupos, que formulam um modo de pensamento único e extremamente excludente, que se expressa

numa nova forma de fascismo pautada no discurso do medo, na manipulação dos afetos e na ameaça contra a sociedade e a democracia (Han, 2014; Saflate, 2015).

Isso se instaura através de uma política do “nós” contra “eles”, como afirma Stanley (2020). Em termos aniquilamento democráticos das pertencas de gênero, raça, etnia, credo religioso etc., consideramos que as práticas dessa perversão fascista se reproduzem na vida cotidiana digital, tendo por princípio uma orientação ideológica aparentemente irracional que se oriunda de uma ideologia da direita radical que age contra todos que não comunguem dessa ideologia.

Esse tipo de pensamento está disseminado em todos os cantos do mundo e se faz mais visível em países que optaram por eleger recentemente líderes políticos que propagam abertamente discursos extremistas e ultraconservadores que se coadunam com políticas neoliberais do fascismo contemporâneo proposto pelo discurso da nova direita. Essa ideologia se reproduz e afeta a cultura política, dentro e fora das esferas institucionais, e se espalha pelo mundo da vida, incidindo diretamente na mobilização dos afetos do corpo social e suas relações digitais cotidianas da sociedade em rede. Particularmente no cotidiano digital desse corpo social através das mídias sociais, que vêm se transformando numa espécie de esfera pública eletrônica dos afetos, que gera um inconsciente coletivo digital, como afirma Han (2014), que estrutura um campo da psicopolítica dos afetos.

De este modo se podría acceder al inconsciente colectivo. En analogía con el «inconsciente óptico», se podría denominar como inconsciente digital al entramado microfísico o micropsíquico. La psicopolítica digital sería entonces capaz de apoderarse del comportamiento de las masas a un nivel que escapa a la conciencia (Han, 2014, p. 98).

Essa psicopolítica se forjaria por sociabilidade de inter subjetivação da política, a partir de um circuito dos afetos (Safatle, 2015) acionado pela a guerra de narrativas de desinformação e contrainformação, dessa sociedade em rede.

Consideramos ainda que à medida em que essa energia do afeto político se reverbera através das redes sociais, isso promove a ampliação da ressonância dos fenômenos fake news e da pós-verdade, numa relação local/global. Nesse sentido, advogamos a ideia de que a atualidade da teoria crítica e sua potência de interpretação interdisciplinar é ainda bastante profícua para análise desses fenômenos nessa nova configuração da sociedade de massa, que faz resurgir personalismos políticos e populismos autoritários e que fazem usos de ideologias falhas em propagandas e discurso fascistas (Stanley, 2015) ao modo das ideologias dos anos trinta, que se atualizam no presente através de propagandas e dispositivos de desinforma-

ção, como as fake news e a pós-verdade. Isso nos possibilita retomar reflexões sobre os processos ideológicos da sociedade de massa no contexto contemporâneo (Adorno e Horkheimer, 2006), assim como reflexões do pensamento sobre a personalidade autoritária também sob o viés adorniano (Adorno, 1950).

Por um outro viés de análise, acreditamos também que essas questões presentes nesse contexto de crise nos permitem refletir sobre outras formas socioinstitucionais e intersubjetivas que se pautem na compreensão dos afetos, dentro desse contexto de controle da subjetividade. Para isso, buscamos amparos conceituais e teóricos sobre o papel do conceito de dispositivos biopolíticos (Foucault, 1979; Id., 2020) e linhas de controle institucionais (Deleuze, 1995), que nos ajudaram a refletir sobre as formas de brutalismos institucionalizados presentes nessa conjuntura de neoliberalismo autoritário e fascista que fez uma guinada ideologia violenta, sob a tutela dessa nova direita, nos nossos dias atuais.

### Considerações Finais

Acreditamos que essas ideologias, frutos de uma conjuntura de interesses espúrios e autoritários, incidem sobre o corpo social de forma exponencial e muitas vezes fazem com que os indivíduos, aqui vistos como meros usuários que ocupam os espaços das mídias sociais, percam gradativamente a capacidade de discernimento à medida em que incorporam valores pautados por desinformações, fazendo com que sejam obliteradas, de forma autoconsciente, suas capacidades críticas de consciência intersubjetiva.

Nesse processo, a autoconsciência crítica é substituída pela autoconsciência da condescendência política, da pós-verdade. O conteúdo falso e desinformativo, somado ao discurso retóricos de ódio, é incorporado por boa parte da população, que corrobora com esses princípios ultraconservadores de mobilização dos afetos políticos.

Na medida em que observamos e refletimos sobre esses fenômenos, entendemos melhor os conceitos de psicopolítica e psicopoder (Han, 2014; Id., 2018). Na nossa compreensão, esses ajustam-se aos conceitos de biopolítica e biopoder (Foucault, 2020) inaugurado pelo liberalismo de Estado desde o século XVII e estudados por Foucault (2020). Todos esses conceitos se somam aos dispositivos neoliberais da fake news e da pós-verdade, no século XXI, que visam mobilizar afetos políticos e colonizar subjetividades, a partir da doutrina do capitalismo neoliberal digital.

Esse processo de colonização e mobilização dos afetos e da consciência é parte de um processo de dominação que incide sobretudo na orientação de comportamentos que lidam com a verdade e

a construção da realidade de forma menos honesta, constituída por ideologias falhas e colonização de mentalidades. A pós-verdade é um bom exemplo de doutrinação ideológica, que se server do dispositivo da cultura do capitalismo digital.

A pós-verdade é uma mentira que se traveste de orientação ideológica, em que a visão de mundo e o conjunto das emoções gerais dos indivíduos tem mais poder de convencimento que os fatos em si, fazendo com que o comportamento resultante desse processo de pós-verdade reitere a cultura da desinformação do capitalismo digital, através das fake news, por exemplo.

A pós-verdade, dentre outras coisas, está ligada à esfera das emoções e das crenças subjetivas. A verdade não existe na pós-verdade, pois essa não está ancorada no que é verdadeiro, mas sim numa ideologia dos afetos, ou seja, num desejo de verdade, que pode ser mobilizado por ódio, inveja etc., dentro de um contexto de desinformação massivo, promovido pelo discurso político neoliberal.

Os afetos, sobre esse ponto de vista, são objetos de manipulação ideológica de valores, através de canais de redes de compartilhamento de mídias sociais. Valores fundados muitas vezes em ideologias de ódio e discursos abjetos que mobilizam enxames digitais (Han, 2014; Id., 2018) de indivíduo/usuários a agirem de forma doutrinada. Ou seja, mobilizam-se um irracionalismo de conveniência que objetivamente está ligado ao controle dos afetos coletivos e da sociedade em rede, orientado por uma instrumentalização política da desinformação digital cotidiana.

Sob esse aspecto, o dispositivo de instrumentalização de notícias falsas atende a interesse específicos, dentro de conjunturas políticas, econômicas e se faz funcionar como um instrumento de percepção intersubjetiva que induz, orienta ou determina comportamentos sociais, motivados por interesses políticos ou de mercado, estruturados por governos e/ou empresas de forma deliberada.

Acredito que refletir sobre as novas formas de poder e dominação que estão fundadas e esferas institucionais e ideologias, presentes na atualidade, são questões do tempo presente, que ainda cabem uma reflexão pautada nos argumentos que tanto Adorno (2002; Id., 2006; Id., 2011) quanto Foucault (1979; Id., 2020), ajudaram a construir, ao longo de suas trajetórias filosóficas. Ou seja, autores clássicos que nos ajudaram a entender os problemas do mundo contemporâneo, por terem abordagem ainda muitos atuais. Assim como Walter Benjamin, autor com o qual abrimos esse texto.

**Referências:**

- Adorno, Theodor W. *Indústria Cultural e Sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.
- Adorno, Theodor W. *Teoria Freudiana e o Padrão da Propaganda Fascista*. Mimeo, 2011.
- Adorno, Theodor W. Introdução à “A Personalidade Autoritária” [1950].
- Adorno, Theodor W.; Horkheimer, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.
- Agamben, Giorgio. O Que é um Dispositivo? Santa Catarina, *Outra Travessia*, 2005.
- Agamben, Giorgio. *Estado de Exceção (Homo Sacer II, 1)*. São Paulo, Boitempo, 2011.
- Antunes, Ricardo *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- Benjamin, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense. 1996.
- Bucci, Eugênio. News não são fake e fake não são news. In: Barbosa, Mariana (Ed.). *Pós-verdade e Fake news: reflexões sobre a guerra de narrativas*. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.
- Butler, Judith. *Corpos em Aliança e a Política das Ruas*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira. 2018.
- Costa, Sérgio. *Las “nuevas” derechas como desafío para la teoría democrática*. Buenos Aires: Clacso, 2020.
- Deleuze, Gilles, O Que é um Dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona, Gedisa, 1990.
- Foucault, Michel. A governamentalidade. In: Foucault, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- Foucault, Michel. *Nascimento da Biopolítica*. Lisboa: Edições 70, 2020.
- Fraser, Nancy. Do neoliberalismo progressista a Trump – e além. *Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 17 - No 40 - Set./Dez. de 2018*.
- Garbaudo, Paolo. Social media and populism: an elective affinity? *Media, Culture & Society, London*, Vol. 40 (5) 745–753, 2018.
- Han, Byung-Chul. *Psicopolítica - Neoliberalismo y nuevas técnicas de poder*. Barcelona: Herder Editorial, 2014.
- Han, Byung-Chul. *No Enxame*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- Lukács, Georg. *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.



Lukács, Georg. *Conversando com Lukács*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969.

Safate, Vladimir. *O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*, São Paulo, Cosaf e Naif, 2016.

Safate, Vladimir. É racional parar de argumentar. In *Ética e Pós-Verdade*. Porto Alegre, Dublinense, 2015.

Santaella, Lúcia. *A Pós-verdade é verdadeira ou falsa?* São Paulo, Estação das Letras, 2018.

Stanley, Jason. *Como Funciona o Fascismo*. São Paulo, L&PM, 2020.

Stanley, Jason. *How Propaganda Works*. Oxford. Princeton University Press, 2015.